

# Questões sociais do nosso tempo

ISABEL VARANDA

Não me pertence fazer um diagnóstico social e, aliás, pouco ou nada poderia dizer que não esteja já apontado por organismos governamentais e não governamentais, pelo cidadão comum, em teses, relatórios e estatísticas. Permito-me referir alguns documentos que podem servir como referência para o vosso próprio estudo e reflexão: *Relatório do Desenvolvimento Humano 2000*, da responsabilidade do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)<sup>1</sup>, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* e a exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, que data de 28 de Junho de 2003. Este último documento magisterial, um dos mais representativos dos últimos tempos, que podia muito bem ser estudado por alunos do 3º Ciclo e do Secundário, em Estudos Sociais, mas, particularmente, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, dedica alguns parágrafos do primeiro capítulo a um diagnóstico do mundo ocidental europeu, onde a dimensão social também é abordada.

Começarei por falar um pouco do tempo em que vivemos, a que chamo tempo de ressentimento e de sobressalto. Das múltiplas e complexas questões sociais (trabalho e desemprego, família, educação, minorias, pobreza, miséria, criminalidade, multiculturalidade, direitos humanos, cidadania e política, moral, ética e bioética, espiritualidade e religião, entre tantas outras, das quais destaco ainda, por me parecer uma das mais graves e complexas, a questão da iliteracia emocional, que já tive ocasião de explicitar noutros momentos<sup>2</sup>), vou tentar ocupar-me de uma só: a questão do *lazer*.

---

<sup>1</sup> PNUD, *Relatório do Desenvolvimento Humano 2000*, Trinova Editora, Lisboa, 2000.

<sup>2</sup> «Iliteracia emocional no Ocidente. Razão de um sobressalto que vai até Deus», in: *Memória X* (2003) 11-20; «Iliteracia emocional e perda do património oral cristão em Portugal», in: *Memória X* (2003) 57-67.

Ao longo de toda a comunicação pode surgir alguma descontinuidade, ao recorrer, com insistência, a excertos do livro de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, de 1932<sup>3</sup>, para ilustrar as ideias desenvolvidas. É, de certo modo, um livro profético, visto o *Admirável Mundo* que descreve ter mais a ver com o nosso mundo actual do que com o mundo dos anos 30. Também sugiro a cada um de vós a leitura ou releitura desta obra; parece-me um excelente instrumento de trabalho para as aulas de EMRC, no Secundário. Ressalve-se que, hoje, o título só por ironia é sustentável. O mundo actual tem pouco de admirável; ousou dizer que seria mais justo o título: *Miserável Mundo Novo*. Mas lá chegaremos.

Neste contexto introdutório, gostaria de lembrar, por fim, aquele povo que habita o país chamado Utopia<sup>4</sup>. Para os habitantes de Utopia é motivo de grande espanto que haja homens que têm prazer em olhar o brilho de um diamante, quando se pode olhar o brilho das estrelas e a luz do sol. Ou que haja homens que, pelo facto de se vestirem com a lã mais fina, se considerem, por isso, mais nobres. Um dia, essa mesma lã foi usada por um carneiro e ele não deixou, por isso, de ser carneiro. E que o ouro, em si mesmo inútil, seja mais apreciado que os homens<sup>5</sup>.

Ao povo de Utopia, a questão do sentido da existência pessoal e social põe-se com acuidade, diante do que eles consideram a existência ridícula, absurda ou equivocada. Lévinas chama-lhe antes «deficiência humana» que, segundo ele, pela consciência que dela temos, emerge no nosso tempo com um peso e uma significação não desprezíveis. Tal consciência é vivida na ambiguidade do desespero, da frivolidade e do fiasco humano<sup>6</sup>. «Pobre homem enclausurado nos seus determinismos (...)!»<sup>7</sup>. «Que lhe falta a este feliz-infeliz (...)?»<sup>8</sup>. Quais as raízes do desencanto, desta solidão (Jacques Monod, Albert Camus) e deste fiasco (Emmanuel Lévinas)? Uma terrível crise de sentido e de identidade pessoal e social subjuga o humano no nosso tempo. Brutalmente, acordado do dogmático sono racional, descobre que o peso da existência só tem sido suportável devido à conspiração da sociedade, da acção e da transitoriedade e pluralidade de sensações que o torna insensível<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> Seguiremos a edição em português realizada por Editores Associados/Livros do Brasil, 1932.

<sup>4</sup> Cf. MORE, T., *Utopia*, ed. Publicações Europa-América, Mira-Sintra, 1973.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 88.

<sup>6</sup> Cf. LÉVINAS, E., *De Dieu qui vient à l'idée*, ed. Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1982, 85.

<sup>7</sup> LABORIT, H., *L'homme imaginant. Essai sur la biologie politique*, ed. Union Générale d'Éditions, Paris, 1970, 111.

<sup>8</sup> JANKÉLÉVITCH, V., *L'aventure, l'ennui, le sérieux*, ed. Aubier-Montaigne, Paris, 1963, 178.

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, 115.

## 1. Tempo de ressentimento e de sobressalto

O tempo que hoje vivemos é de ressentimento. Sentimo-nos magoados e não esquecemos, porque todo o nosso ser está em sobressalto: assistimos às investidas do terrorismo, às investidas das forças da natureza desgovernadas, às investidas da pobreza<sup>10</sup>, da mediocridade, da corrupção, do compadrio, da corrida esfomeada ao «tacho», da falta de generosidade, de empenho, de rigor e de disciplina dos nossos governantes. E sentimo-nos profundamente desiludidos e ressentidos, impotentes, sem energia, sem vontade, sem saber o que deve ser feito, o que é possível fazer, o que devo fazer e o que posso fazer. Descobrimo-nos capazes de sondar o espaço e incapazes de humanizar a terra, de encontrar uma plataforma de diálogo com os nossos semelhantes e de efectivar limiares inegociáveis de dignidade para a vida de todos os seres humanos.

A angústia existencial conduz-nos a uma melancolia prática que comporta uma profunda alteração da nossa forma valorativa de estar no mundo. Sentimo-nos um desastre, um fracasso. Vivemos em curto-circuito de sentido e de relação. Desfizemo-nos progressivamente das redes humanas que outrora sustentaram gerações: a família e o parentesco alargado, a comunidade, os chamados «amigos de peito», os símbolos e o extraordinário património da Tradição humana, feito história, de forma sábia e cumulativamente criativa, ao longo de milénios.

Estamos no *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, num laboratório de fecundação e de condicionamento humano: «Lembrem-se todos – disse o Administrador – a história é uma treta. Agitou a mão. Dir-se-ia que, numa espanadela invisível, tinha sacudido um pouco de poeira. E a poeira era Ur dos Caldeus; algumas teias de areia que eram Tebas e Babilónia, Cnossos e Micenas. Uma espanadela, outra ainda... e onde estava Ulisses, onde estava Job, onde estavam Júpiter, Gautama, Jesus? Uma espanadela... e essas manchas de antiga lama que se chamavam Atenas e Roma, Jerusalém e o Império do meio, tinham todos desaparecido. Uma espanadela... desaparecidas as catedrais. Uma espanadela... mais outra... Aniquilados o rei Lear e os pensamentos de Pascal. Uma espanadela... desaparecida a Paixão. Uma espanadela... morto o *Requiem*. Uma espanadela... acabada a sinfonia...»<sup>11</sup>. Oh, Admirável Mundo Novo!

Somos contemporâneos de uma viragem epocal marcada por transformações profundas. Alguns breves apontamentos:

---

<sup>10</sup> «A pobreza humana é definida pelo empobrecimento em múltiplas dimensões: privação de uma vida longa e saudável, de conhecimento; de um nível de vida digno e de participação», in: *Relatório para o Desenvolvimento Humano...*, op. cit., 17.

<sup>11</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 46.

1) Portas abertas ao mundo virtual, às tecnologias da comunicação e informatização do nosso dia-a-dia: pode ir às compras na Internet, ir ao banco na Internet, recorrer a todo o género de serviços na Internet, comunicar pela Internet; enfim, pode ficar fechado em casa durante anos, desde que possua um bendito *modem*, e aceda a um servidor.

Incomoda-me a ideia de sentir que cada vez mais a nossa vida está dependente da informática. Parece-me desproporcionado o lugar que as tecnologias da informação e do conhecimento ocupam na nossa vida. Basta pensar na vulnerabilidade dos sistemas. Basta um vírus, e não precisa de ser muito matreiro, para virar o mundo de pernas para o ar. O risco é enorme e o nível de fiabilidade e de confiança é muito reduzido. Já há sectores em que não há qualquer comunicação que não seja através da Internet ou da Intranet... Não temos hipótese de escolha! Vivam as novas ditaduras: hora de concursos – liga-te à Internet; hora de preencher as declarações do IRS – liga-te à Internet; hora de lançar as notas dos alunos – liga-te à Internet, se queres ter acesso às pautas; o aviso de que os professores não receberão pautas em suporte de papel vem por correio electrónico (isto já acontece em algumas Universidades). Ganha-se muito, mas perde-se o cheiro das coisas, a densidade dos espaços, os sons, o ar puro ou poluído, os sorrisos, as vozes irritadas ou amáveis, a relação inter-pessoal, os olhos nos olhos, a percepção das emoções do outro. Sistema desencadeante de um empobrecimento e progressiva atrofia de competências específicas do humano: o sentido do outro, a relação inter-pessoal e comunitária, a afectividade, a relação com o meio ambiente natural.

2) Raquitismo dos horizontes antropológicos, porque enclausurados nos limites da estrita imanência. Deus tornou-se insignificante. No Admirável Mundo Novo, durante uma aula, ouvimos o Administrador: «... Deus não é compatível com as máquinas, a medicina científica e a felicidade universal. É preciso escolher. A nossa civilização escolheu as máquinas, a medicina e a felicidade»<sup>12</sup>. E continua: «Outrora, havia, como já disse, uma coisa chamada Cristianismo... Cortou-se a parte superior das cruzes para serem transformadas em T. Havia também uma coisa chamada Deus. Havia uma coisa chamada Céu... Havia uma coisa chamada Alma e uma coisa chamada imortalidade»<sup>13</sup>. Mas estas afirmações não suscitavam qualquer eco ou questão nos estudantes.

3) Emergência de uma antropologia equivocada em que impera a ambivalência entre o poder que temos de ser e o poder que temos em ter, prevalecendo este poder de ter sobre o poder de ser.

---

<sup>12</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 220.

<sup>13</sup> *Ibidem*, 61.

4) Culto do Ego e valorização da imagem: ser eternamente jovem e belo, mesmo que para isso tenha de retalhar o corpo com plásticas e implantes, ou tenha de recorrer a hormonas ou *botox*, para recriar belezas esticadas, robotizadas, sem expressão. Admirável Mundo Novo: «Todos os estigmas fisiológicos da velhice foram abolidos»; mas Bernard grita: «... quero ter o direito de envelhecer, de ficar feio e impotente, o direito de ter sífilis e o cancro, o direito de não ter de comer, o direito de ter piolhos»<sup>14</sup>; ser insaciavelmente rico, mesmo que nenhuma riqueza compre o direito de viver na terra para sempre; ser celebridade e figura pública, mesmo que na nossa vida nada seja digno de destaque relativamente a milhares de outras vidas, ou mereça referência ou celebração.

5) Sacralização do individualismo e concomitante perda do sentido profundo do Outro, da solicitude, do dom (serviço ao outro, sim; na medida em que me serve e me sirvo).

6) Baixa tolerância à dor física, psíquica, moral e social. O condicionamento de Bernard «... tinha-o tornado mais apto a desmaiar que a encher-se de piedade com qualquer bagatela. A simples referência a doenças ou ferimentos era para ele não apenas uma coisa apavorante, mas, sobretudo, repulsiva e até repugnante. Como a imundície, a deformidade ou a velhice»<sup>15</sup>. «Frequentemente... tinha perguntado a si próprio o que sentiria se fosse submetido, sem *soma* (produto químico para assegurar permanente bem-estar e felicidade) e sem poder contar com outra coisa a não ser a sua própria força interior, a alguma grande prova, a alguma dor, a alguma perseguição»<sup>16</sup>.

Numa cultura em que o poder económico e os modelos educativos potenciam e facilitam a satisfação imediata das necessidades e dos desejos surgem gerações de adolescentes e jovens sem competências para enfrentar as dificuldades da vida. Todo o limite é visto como limitação. Não sabem lidar com o desejo, não sabem mesmo o que é desejar, pois nunca lhes foi dada essa possibilidade; desde que o menino nasceu: quis, logo teve; pediu, logo foi dado. No Admirável Mundo Novo é perguntado aos jovens estudantes, de visita a um laboratório de incubação e condicionamento humano: «Algum dos senhores foi já obrigado a esperar um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e a sua satisfação?... – Uma vez tive de aguardar perto de 4 semanas antes que uma rapariga que eu desejava se resolvesse a deixar-me possuí-la. – E o senhor sofreu, em consequência uma forte comoção? – Era horrível»<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> *Ibidem*, 226.

<sup>15</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 134.

<sup>16</sup> *Ibidem*, 103.

<sup>17</sup> *Ibidem*, 55.

A não satisfação imediata desemboca na frustração, com a qual não se sabe lidar. Nos nossos dias, podemos falar de gerações mais vulneráveis e com mais propensão para o desenvolvimento de dependências múltiplas (drogas, álcool, sexo, consumismo, computador, telemóvel).

7) Insatisfação familiar, profissional, social e afectiva: acompanhada do recurso à medicalização da existência para a tornar suportável. Todos temos ideia dos valores que as estatísticas revelam quanto ao consumo de antidepressivos, género Prozac. Os seres do Admirável Mundo Novo perguntam: «Porque razão não toma você *soma* quando lhe aparecem essas tenebrosas ideias. Em vez de se sentir miserável, sentir-se-ia cheio de alegria»<sup>18</sup>. Não há nada que o *soma* não resolva; «o delicioso *soma*, meio grama para uma folga de meio-dia, um grama para um fim-de-semana, dois gramas para uma viagem ao sumptuoso Oriente...»<sup>19</sup>. «A maldade, os acessos de mau humor aos quais os outros não podiam escapar senão no meio de fugas, de esquecimento»<sup>20</sup>, o *soma* resolve. «Com um centicubo de *soma* curados dez sentimentos...»<sup>21</sup>. «O Mal é uma coisa irrereal se tomarmos dois gramas de *soma*... A dor é uma ilusão»<sup>22</sup>. «Actualmente toda a gente é feliz»<sup>23</sup>.

O próprio luto é medicado. A pessoa vai sedada ao funeral do seu ente querido. Revelação da baixa tolerância da pessoa ao sofrimento e da baixa tolerância da sociedade às manifestações de dor intensa. Estamos a entrar na «era da melancolia». Um mal-estar crescente transparece das nossas sociedades. Oh, Miserável Mundo Novo esmagado sob os «fardos da abundância» (Ervin Laszlo). «Que sentiria se pudesse, se fosse livre, se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento?»<sup>24</sup>, pergunta-se Henry.

«Não sente o desejo de ser livre, Lenina? – Não percebo o que quer dizer. Eu sou livre. Livre para gozar à vontade, para gozar o mais possível. Agora todos são felizes. – Ser livre de outra forma, Lenina? De uma maneira pessoal, por exemplo e não à maneira de todos»<sup>25</sup>.

Estamos nos limiares críticos da sobrevivência espiritual, psicológica e mesmo física. Parece que o mundo à nossa volta se desmorona. Francis Fukuya-

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, 93.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>20</sup> *Ibidem*, 67.

<sup>21</sup> *Ibidem*, 62.

<sup>22</sup> *Ibidem*, 235.

<sup>23</sup> *Ibidem*, 79.

<sup>24</sup> *Ibidem*, 92.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

ma fala em termos de «Grande Ruptura»<sup>26</sup>. Para ele, a *Grande Ruptura*, que tem lugar a partir dos anos 60, ocorre na reconfiguração das sociedades industriais dos países ditos desenvolvidos em sociedades de informação. Nas estruturas e nas dinâmicas sociais, a produção perde a sua liderança em favor do conhecimento «como base da riqueza, poder e interacção social». Da mesma forma que a Revolução Industrial provocou mudanças irreversíveis nas sociedades dos países ocidentais, também a *Revolução da Informação* conduz a uma drástica e definitiva mudança de paradigma; o paradigma industrial é superado pelo paradigma informacional, num processo apelidado de «Grande Ruptura», em razão das alterações estruturais que introduz nas sociedades.

Na perspectiva de Fukuyama, «A Grande Ruptura caracterizou-se por níveis crescentes de criminalidade e de desordem social, pelo declínio da família e dos laços de parentesco como fonte de coesão social e por níveis cada vez mais baixos de confiança»<sup>27</sup>. Estas mudanças verificaram-se na maior parte das sociedades modernas. Os elementos que o autor aponta para caracterizar a modificação da sociedade americana servem também para o Ocidente europeu e para Portugal. Quando a maior parte das pessoas vivia «... em explorações agrícolas familiares, a família era a unidade produtiva básica, produzindo não apenas alimentos mas também um grande número de objectos domésticos. Educava as suas crianças, tomava conta dos seus idosos e, tendo em conta o isolamento físico e a falta de meios de transporte na maior parte das quintas, era também a sua própria fonte de entretenimento. Em anos subsequentes, quase todas estas funções lhe foram retiradas. Primeiro os homens e depois as mulheres começaram a procurar trabalho fora de casa, nas fábricas e nos escritórios; as crianças foram mandadas para as escolas públicas para serem educadas; o avô e a avó foram despachados para lares de reformados ou de terceira idade e o entretenimento passou a ser fornecido por empresas comerciais como a Walt Disney ou Hollywood. Em meados do século XX, a família tinha sido reduzida ao seu cerne nuclear de duas gerações, e tudo o que restava como seu domínio específico era a função reprodutiva»<sup>28</sup>. Cena do Admirável Mundo Novo: «Experimentem imaginar o que significava ‘viver em família’. Eles experimentaram, mas manifestamente sem o menor sucesso. – E sabem o que era um lar? Sacudiam a cabeça negativamente»<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> FUKUYAMA, Francis, *A Grande Ruptura. A natureza humana e a reconstituição da ordem social*, Quetzal Editores, Lisboa, 2000.

<sup>27</sup> *Ibidem*, 97.

<sup>28</sup> *Ibidem*, 65-66.

<sup>29</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 47.



«... estão todos vestidos de verde – disse uma voz doce, mas clara, começando no meio de uma frase – e as crianças Delta estão vestidas de caqui. Oh! Não, não quero brincar com as crianças Deltas. E os Epsilões são ainda piores. São tão estúpidos que nem sabem ler ou escrever. E além disso estão vestidos de negro, que é uma cor ignóbil. Como estou contente por ser um Beta. Houve uma pausa. Depois, a voz recomeçou: as crianças Alfa estão vestidas de cinzento. Elas trabalham muito mais do que nós, porque são formidavelmente inteligentes. De facto estou muito contente por ser um Beta, pois não trabalho tanto. E, depois, somos muito superiores aos Gama e aos Delta. Os Gama são patetas. Estão todos vestidos de verde e as crianças Delta estão vestidas de caqui. Oh! Não, não quero brincar com as crianças Delta. E os Epsilões são ainda piores. São tão estúpidos que nem sabem...»<sup>30</sup>. «Até que o espírito da criança seja essas coisas sugeridas e que a soma dessas coisas sugeridas seja o espírito da criança. E não apenas o espírito da criança, mas igualmente o espírito do adulto e para toda a vida. O espírito que julga, deseja e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos»<sup>31</sup>.

Dizem eles, referindo-se ao mundo que muitos de nós não querem deixar: «Nada de espantoso que esses pobres pré-modernos fossem loucos, cruéis e miseráveis. O seu mundo não lhes permitia tomar as coisas ligeiramente, não lhes permitia ser sãos de espírito, virtuosos, felizes. Com as suas mães e os seus amantes, com as suas proibições, para as quais não estavam condicionados, com as suas tentações e os seus remorsos solitários, com todas as suas doenças e a sua dor que os isolava infinitamente, com as suas incertezas e a sua pobreza, eram obrigados a sentir violentamente as coisas. E, sentindo-as violentamente (...) como podiam ser estáveis?»<sup>32</sup>.

A partir dos anos 60, assiste-se à emergência de movimentos sociais de emancipação (a revolução sexual, os movimentos de libertação da mulher e o feminismo, e a luta pelos direitos dos homossexuais) cuja luta visa o enfraquecimento, a desclassificação, a desvalorização e a libertação das normas e leis sociais tradicionais que provocam constrangimentos em muitos indivíduos. Os slogans: «a vida é minha; faço o que quero; eu sou livre de fazer o que quiser», ilustram bem este equívoco dos humanos do nosso tempo que, crispados na reivindicação de crescentes liberdades externas, nem se dão conta de que a sua liberdade interior reduz e atrofia, tornando-os, paradoxalmente, mais dependentes. Cria-se a conjuntura propícia ao florescimento de uma cultura individualista e de individualismo que recusa qualquer argumento de autoridade externa,

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, 40.

<sup>31</sup> *Ibidem*, 41.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 51.



ou seja, qualquer partilha de normas morais, sociais ou comunitárias. Como se fosse possível uma vida de progresso global e de desenvolvimento individual sem investimento no «capital social», por parte de todos os membros da sociedade. Como se fosse possível sociedade sem sócios. Diz Fukuyama que «... os indivíduos amplificam os seus próprios poderes e capacidades, seguindo regras cooperativas que limitam a sua liberdade de escolha, lhes permitem comunicar com os outros e coordenar acções»<sup>33</sup>. Sendo assim, a cultura do individualismo desfaz a comunidade. Porque uma comunidade não se gera pela simples «interacção de pessoas ou de grupos. A verdadeira comunidade sustenta e potencia laços de coesão social; os seus membros estão «ligados por valores, normas e experiências»<sup>34</sup>. Comunidade *light* não é verdadeira comunidade. A identidade da comunidade é tanto mais consistente e definida quanto mais profundamente forem sentidos os «valores comuns» e o sentimento de pertença. Na leitura que faz Fukuyama, há muita gente para quem, à primeira vista, individualismo e comunidade não aparecem como incompatíveis. «Quando as pessoas se libertaram dos seus laços tradicionais com os cônjuges, as famílias, os locais de trabalho, os sítios onde moravam, as igrejas, pensaram que podiam continuar a estar ligadas pessoalmente, só que, desta vez, as ligações seriam aquelas que elas próprias escolheriam. Mas começaram a descobrir que estas afinidades electivas, nas quais podiam entrar ou sair à vontade, as deixavam a sentir-se sozinhas e desorientadas, ansiando por relacionamentos mais profundos e permanentes»<sup>35</sup>. E o autor conclui: «Uma sociedade dedicada à constante derrogação de normas e regras, em nome de uma cada vez maior liberdade de escolha individual, acabará por tornar-se, cada vez mais, desorganizada, atomizada, isolada e incapaz de concretizar quaisquer objectivos ou tarefas globais»<sup>36</sup>. «Caminhar para um mundo assim, não é um destino; depende das opções que ainda estamos a tempo de fazer»<sup>37</sup>.

Urge todo um trabalho que restitua as mulheres e os homens do nosso tempo a um quadro de valores que dignifique o ser humano e humanize o mundo. Este trabalho passa, por exemplo, pela forma como o tempo de lazer é entendido e vivido, no nosso tempo. Passemos então a esta figura social. A questão do lazer e o lazer como questão, intrinsecamente ligado a outras figuras sociais, tais como a celebração e a soberania.

---

<sup>33</sup> FUKUYAMA, Francis, *A Grande Ruptura...*, op. cit., 33.

<sup>34</sup> *Ibidem*, 34.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> LASZLO, E., *O 3º Milénio. O Desafio e a visão. Relatório do Clube de Budapeste sobre os Rumos Criativos da Evolução humana*, Edições Piaget, Lisboa, 1999 (Gaia Books Limited, London, 1997), 41.

## 2. Celebração, soberania e lazer

**Celebração:** são os humanos que celebram, fazem festa, existem, celebrando ou lamentando a existência. Por isso, a celebração tem um carácter sincrónico: cada respiração inspira a celebração, que se celebra a si própria, sugerindo à existência novas e originais formas de existir. Na celebração é a comunidade que celebra. Ela reúne-se, vive, partilha a comum alegria, o respirar comum, celebrando então a sua unidade, os laços e as alianças.

O humano celebra quando cada instante do seu existir é vivido na confiança, no sentido e na coerência do percurso. Ele experimenta, em cada instante, na opacidade do seu mistério, a verdade última de si mesmo. E esta experiência é real. Real, não porque o seu destino pessoal e cósmico se consuma, mas porque este, de uma forma velada, se deixa entrever como horizonte. Assim, de algum modo, o ser humano experimenta o definitivo e absoluto do seu destino último no transitório e relativo de cada minuto. Daqui a celebração. A lamentação emerge da existência que flutua, vaga e indeterminada, entre lacunas antropológicas e abismos de absurdo. A vida perfila-se, assim, sob a forma de desafio a superar, em cada instante, os abismos de sem sentido, transformando, nesse movimento, a lamentação em celebração. Na aventura de conquista de razões para existir, cada homem e mulher no mundo procuram o lugar, o seu lugar, onde não será mais um lamentável vagabundo cósmico, mas um soberano que celebra o seu destino de homem livre. Celebrar é, neste sentido, um acto excelentemente humano, um acto de soberania.

**Soberania:** em todos os tempos e lugares as civilizações imaginam e sonham a vida soberana. Dela se fazem as imagens mais diversas. Sob a forma de deuses, de reis, de filósofos ou de artistas, os humanos procuram a resolução da angústia existencial que os limites lhes provocam. É no contexto desta exigência de superação que, fascinados pela promessa do «sereis como deuses», eles edificam os maiores impérios ao longo da história. Mesmo a figura arcaica do rei pretende representar simbolicamente o soberano.

Dizer que aos homens e às mulheres pertence, por essência, ser soberano (quer dizer, senhor e não escravo) não nos parece que seja forçar a sua humanidade. Ao contrário. É a liberdade que é aqui questão. É ela que dá forma à soberania e revela «... a emergência visível deste estranho poder, que no homem se constrói como fundamento da sua própria lei»<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> LADRIÈRE, J., «Sur la signification de l'économie», in : *Technique économique et finalité humaine. Vers une démarche opératoire* (Synthèse des travaux d'un séminaire philosophique social), Ed. Duculot, Gembloux, 1972, 45.

É esta soberania que representa a forma última do real. Dito em termos mais comuns: a soberania é anúncio e representa, ao mesmo tempo, a forma última do real, porque a vida soberana é a realização de todas as potencialidades e finalidades, em plenitude e harmonia.

**Lazer:** o lazer<sup>39</sup> é uma das figuras sociais que aparece como uma província englobante de todas as regiões da vida em sociedade (o parentesco, o trabalho, o jogo, a celebração, a soberania). Se nos atemos à concepção clássica de trabalho, o trabalho e o lazer são dois termos antagónicos que se excluem mutuamente. Por seu lado, a família, o jogo, a celebração e a própria soberania existem não só no tempo de trabalho, mas também, e de uma forma excepcionalmente humanizante, na vivência do lazer. Aqui, o princípio reinante já não é o da oposição, mas, fundamentalmente, o da complementaridade. Com efeito, os tempos de lazer são tempos propícios à família, ao jogo, à celebração e à soberania. Falamos assim do lazer como figura oposta ao trabalho e complementar com as outras figuras sociais.

Tentemos uma definição do conceito, já que ele se propicia a ambiguidades e inadequações.

O lazer é um fenómeno moderno sem qualquer semelhança com situações que a humanidade tenha já vivido. É na sociedade industrial, sociedade onde o trabalho é o valor de base, que se desenvolve, paralela e consequentemente, o lazer. Este assume tais proporções nas sociedades modernas que, doravante, a situação do homem em sociedade e o seu futuro não são mais comandados, exclusivamente, pelas questões laborais. O lazer, não só em si mesmo mas também na própria relação com o trabalho, acrescenta às sociedades modernas novas e complexas dificuldades<sup>40</sup>.

O sociólogo Dumazedier propõe a seguinte definição de lazer: «Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode consagrar-se por sua determinação, seja para se repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver a sua informação e formação de forma desinteressada, a sua participação social voluntária após ter-se libertado das suas obrigações profissionais, familiares e sociais»<sup>41</sup>. Desta definição relevam-se os termos chave em torno dos quais se

---

<sup>39</sup> As ideias que se seguem sobre o lazer inspiram-se em IDEM, *Evolution des loisirs et place qu'ils prennent dans la société moderne*, in : *Exposé présenté à la 42<sup>ème</sup> semaine sociale Wallone*, Mallone, 1960. Situamo-nos nos países desenvolvidos, nos quais a redução do tempo de trabalho, o prolongamento da escolaridade obrigatória e a introdução da reforma aumentam o tempo livre de obrigações profissionais ou sociais.

<sup>40</sup> Cf., LADRIÈRE, J., *Evolution des loisirs...*, a. c., 3.

<sup>41</sup> DUMAZEDIER, J., «Loisir et idéologie», in : *Esprit* 244 (1959) 874.

articula a definição. Assim: ocupação, repouso, divertimento, desenvolvimento e libertação das obrigações, permitem-nos deduzir que o lazer não é antónimo radical do trabalho, nem tão pouco sinónimo categórico do descanso. Nesta definição, as obrigações familiares, profissionais e sociais são excluídas, aparecendo-nos o lazer, não como um *dolce far niente*, mas como espaço livremente escolhido e pessoalmente adaptado para exercício de outras actividades, que não o trabalho clássico, obrigação social de sobrevivência.

Na definição proposta por Dumazedier destacam-se destas actividades duas funções: o repouso, que se segue ao trabalho e que permite a recuperação física e psicológica; o divertimento, que pretende livrar o ser humano do aborrecimento que a monotonia do trabalho suscita; e finalmente os enriquecimentos através dos contactos sócio-culturais livremente escolhidos.

Mas se a fadiga e o aborrecimento podem ser consequência do trabalho, tais sintomas, contudo, não lhe são exclusivos. O lazer também pode ser razão de fadiga e de aborrecimento. Por isso é que Pascal diz, ao reflectir sobre alguns aspectos que ele considera ser *miséria do Homem*, que «... nada é mais insuportável ao homem que estar em pleno repouso, sem paixões, sem trabalho, sem divertimento, sem aplicação»<sup>42</sup>. Nada é mais insuportável do que a sua consciência opulenta de que não sabe mais como utilizar os seus talentos. No aborrecimento, ele grita que nada mais tem a dizer: já viu todos os filmes, já jogou todos os jogos, já leu todos os livros, comeu as melhores iguarias, bebeu o mais delicioso néctar, vestiu as mais sumptuosas indumentárias, experimentou as mais puras drogas. Nada mais de novo debaixo do sol. Este *homem*, afinal, é o consumidor alienado de lazer; é o *homem* pobre porque não sabe mais como dar ao seu dia a dia criatividade, dinamismo, *suspense*, novidade, aventura; é o *homem* rico, o rei, que tem tudo menos a felicidade. Conta a lenda que tal rei, seguindo as orientações do mago por ele consultado, percorre o mundo à procura da camisa de um homem feliz. «Senhor, eu não tenho camisa...» – responde-lhe o alegre carvoeiro, irradiando felicidade. Moral da história: o pobre carvoeiro faz ver ao rico senhor que a felicidade não está na camisa e que aqueles que a vestem podem muito bem viver no aborrecimento, na náusea, no vazio e no absurdo.

A festa, o jogo, a dança, o riso, o olhar as estrelas, o recriar o sol e a noite de luar não se compram, apesar dos aliantes catálogos que, abusivamente, a sociedade de consumo elabora para o *homo otiosus*. O sentido profundo da celebração vem dar sentido ao tempo livre, que não é senão o tempo do exercício

---

<sup>42</sup> PASCAL, B., *Pensées* (texte établi par Léon Brunschvicg, Éditions Hachette, Paris, 1897), Garnier Flammarion, Paris, 1976, pensamento 131, 85.

da liberdade e «nada merece mais ser cultivado do que este campo humano ainda tão pouco humanizado»<sup>43</sup>.

Grumbil e Bojanus são dois personagens da *Geração Perdida* de Aldous Huxley. Numa conversa entre os dois, Bojanus defende que um *homem* com ócios indefinidos não pode ser livre. Isto porque ele não sabe como ocupar o seu tempo, a menos que as actividades lhe sejam impostas por outras pessoas. «Actualmente, ninguém sabe divertir-se por si; todos deixam que os outros o façam por eles. Engolem o que lhes é oferecido... cinemas, jornais, revistas, gramofones, partidas de futebol, telefonia sem fios, fora disso não há diversão»<sup>44</sup>. E assim, Bojanus chega à conclusão de que o *homem* comum não se pode dispensar destas coisas. Aceita-as e por isso não é livre.

A evolução da civilização contemporânea parece processar-se em duas grandes fases: a produção e o consumo. Emerge assim uma cultura consumista caracterizada pela criação de necessidades cada vez mais diversificadas, instauração de modelos de consumo e aparecimento de comportamentos de consumo. O fenómeno colectivização alimenta-se destes dois elementos: modelos e comportamentos de consumo<sup>45</sup>.

Constitui-se um verdadeiro consumo de divertimento, cuja produção se efectua de uma forma industrial e cuja divulgação através dos média e de agências especializadas sugestiona o possível consumidor com os catálogos de bem-estar, de divertimento e de felicidade difundidos em série e a bom preço, muitas vezes promocional.

No contexto da produção industrial dos divertimentos, produzidos em série e segundo um modelo de produção centralizado, estes devem atrair pela sua capacidade de sedução e pelo convite ao consumismo<sup>46</sup>. Por isso, os catálogos para todos os gostos multiplicam-se. Mas, apesar da diversidade da oferta, alimentada nos processos de concorrência entre os fabricantes de lazer, instaura-se, facilmente, um certo igualitarismo já que os produtos fabricados em série condicionam ao consumo dos mesmos produtos largas franjas sociais. «Segredo da felicidade e da virtude: gostar daquilo que se é obrigado a fazer. Tal é o fim de todo o condicionamento: fazer as pessoas apreciar o destino social a que não podem escapar»<sup>47</sup>.

Este tipo de produção e a promoção consequente provocam passividade, através da utilização de técnicas de *marketing* tendentes a minimizar o esforço

---

<sup>43</sup> BLOCH, E., *Le Principe Espérance*, II, Ed. Gallimard, Paris, 1982, 559.

<sup>44</sup> HUXLEY, A., *Geração perdida*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa, s. d., 35-36.

<sup>45</sup> Cf., LADRIÈRE, J., *L'évolution des loisirs...*, a. c., 12-13.

<sup>46</sup> Cf., *Ibidem*, 13.

<sup>47</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 30.

de assimilação dos consumidores. «Feliz gente nova! Disse o Administrador – nenhum trabalho foi poupado para tornar a vossa vida emotivamente fácil, para a preservar, tanto quanto possível, até das próprias emoções»<sup>48</sup>.

Diante deste cenário, vale a pena lembrar que o lazer, não se reduzindo ao divertimento, está para além do divertimento, e deve, por isso, ser tomado a sério<sup>49</sup>. Seriedade que é exigida não só ao nível do exercício e desenvolvimento das potencialidade e capacidades pessoais, mas também, e de uma forma pertinente, ao nível dos valores. O Humano é um ser criativo e criador. Quando não tem, sonha, deseja e transforma o mundo. A maior parte de nós ainda pertence a uma geração que fazia grande parte dos seus brinquedos e geria os seus tempos livres: de pneus velhos faziam-se escorregas, com latas e dois paus, faziam-se antas, jogava-se às pedrinhas e aos pauzinhos, faziam-se bonecas com trapos, carros com rolamentos, fisgas, jogava-se ao botão... a necessidade é um incentivo à criatividade. As muralhas do tempo do lazer, contrariamente às muralhas do tempo comercial, tocam o infinito da criatividade, vibram com a festa do *homo lusor* que celebra a grandeza do seu ser vocacionado para a felicidade, a harmonia, o riso, o canto, a dança, a alegria.

Se o exercício do trabalho exige formação também o exercício do lazer a exige. Este pressupõe, evidentemente, o despertar da atenção para os excessos, os limites e os perigos possíveis. Como base desta sensibilização, impõe-se um trabalho prévio de análise das condições psicológicas, económicas, sociais, geográficas e culturais. Um outro trabalho prévio, mas que se prolonga posteriormente no exercício, diz respeito à familiaridade com os instrumentos e técnicas que não são resultado da criatividade, ou da invenção pessoal. Neste caso, sem uma aprendizagem inicial e progressiva das formas de utilização dos instrumentos disponíveis, o exercício de determinada actividade resulta muito pouco construtivo ou frutuoso para a vida da pessoa.

O tempo de lazer é o sonho inconsciente da humanidade. Não como tempo do *dolce far niente* ou do *enjoy my self*, mas como o tempo que trabalha um outro espaço, o infinito, no qual, sem limites, ele poderá ser eternidade. O tempo da descoberta dos ritmos de cada um; o tempo da realização dos desejos mais profundos e exigentes; o tempo da aprendizagem da liberdade e da vida soberana.

Para que o tempo de lazer seja vivido na criatividade, no desenvolvimento e na humanização progressiva, é necessário, antes de tudo, o cultivo de uma mentalidade e de uma atitude abertas à simbólica, ao valor da liberdade interior, ao sentido crítico, ao discernimento e a uma sadia relação com o desejo. É esta

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, 54.

<sup>49</sup> Cf. LADRIÈRE, J., *L'évolution des loisirs...*, a. c., 24.

atitude positiva, criada na interacção com as condições económicas, que veicula a valorização crescente do lazer.

O rei procura a camisa que lhe dará a felicidade. Ele não sabe que ao calor de outros sóis a camisa não é indispensável para ser feliz. Nem a camisa, nem ambientes especiais, nem conhecidos ou amigos bem colocados em lugares estratégicos, nem aparelhos, nem dinheiro, nem cartões de crédito, nem clubes, nem drogas.

Lenina e Henry, dois dos principais personagens do Admirável Mundo Novo, «Comeram uma excelente refeição. Com o café serviram *soma*»<sup>50</sup>. Isto no Admirável Mundo Novo. No nosso Admirável também já é *chic* e, em certos círculos bem aceite, que determinados jantares e encontros sociais sejam acompanhados da oferta de drogas leves, só para descontrair e desinibir e poder, assim, tirar-se um maior partido do momento. «Estava uma noite quase sem nuvens, sem lua e estrelada. Mas Lenina e Henry não tiveram, felizmente, consciência desse facto deprimente. Os anúncios luminosos em pleno céu apagavam vitoriosamente a obscuridade exterior»<sup>51</sup>. «... Lenina e Henry dançavam...num outro mundo, o mundo cheio de calor, de cores vivas, o mundo infinitamente benevolente do *soma*... Como toda a gente era bela, boa, deliciosamente divertida.... As deprimentes estrelas tinham percorrido um bom caminho nos céus. Mas, ainda que o fulgor dos anúncios luminosos que as separavam dos seus olhares se tivesse consideravelmente atenuado, os dois jovens continuavam mergulhados na sua felicidade, insensíveis à noite... Uma segunda dose de *soma* que tinham tomado uma meia hora antes do encerramento erguia uma impenetrável parede entre o universo real e os seus espíritos»<sup>52</sup>. «Os olhos estavam brilhantes, os rostos corados, a luz interior do bem-querer universal transbordava de cada cara em sorrisos felizes e amigáveis»<sup>53</sup>. O *soma* tinha começado a agir.

### 3. Urgência de um questionamento à altura dos sobressaltos

Como não vemos a necessidade urgente de questões e de quem as coloque à altura do mundo de hoje? Elie Wiesel, como tantos outros, compreendeu e viveu esta urgência ao ponto de a enunciar como um dever de cada um, a assumir em cada dia: «O homem deve sempre procurar saber... o seu papel na sociedade, o seu lugar na história. Tem o dever de se interrogar em cada dia:

---

<sup>50</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 80.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 81.

<sup>53</sup> *Ibidem*, 85.



onde me situo relativamente a Deus e ao outro?»<sup>54</sup>. Sem este questionamento permanente seremos comparados àquela geração que S. Lucas denuncia: «Assemelham-se a crianças que, sentadas na praça, se interpelam umas às outras, dizendo: ‘Tocámos flauta para vós, e não dançastes! Entoámos lamentações, e não chorastes!’» (Lc 7,32). Como é possível que ao som da flauta não dancemos e que a lamentação não nos faça chorar? De onde vem esta inadequação de comportamento, de que insensibilidade, falta de discernimento, miopia ou cegueira padecemos? E S. Lucas, ainda, lembrando momentos em que Jesus se dirigia às multidões: «Quando vedes um nuvem levantar-se do poente, dizeis logo: ‘Vem lá a chuva’; e assim sucede. E quando sopra o vento sul, dizeis: ‘Vai haver muito calor’; e assim acontece. Hipócritas, sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu; como é que não sabeis reconhecer o tempo presente?» (Lc 12,54-56).

Quem se interroga, ainda? Quem ousa colocar as verdadeiras questões? As nossas questões pecam por omissão. Omissão da altura humana do sobressalto que nos habita; omissão das verdadeiras questões. Também as nossas respostas pecam por omissão do mistério grandioso do humano e de todas as criaturas. Ouso acusar as nossas questões e as nossas respostas de descuidarem o ser humano.

A fecundidade das questões deve ser avaliada a partir da capacidade de originar novas questões que testemunhem o despertar efectivo e crítico em relação à realidade. O sinal mais significativo do despertar não é portanto a questão, mas o nascimento de uma nova questão. O problema é que muitos de nós interrogamos a realidade, seguindo o método das bonecas russas. Olhando a maior, perguntamos o que estará no interior. Abrimos a boneca. Encontramos uma outra boneca, réplica fiel da primeira. Se continuarmos a procurar no interior vamos sempre encontrando réplicas fiéis da primeira, mas de tamanho progressivamente inferior: é a única diferença. Assim se passa com muitas das nossas questões: elas enfraquecem e reduzem-se sob a ilusória aparência de avançar.

## Conclusões

Um dos grandes desafios que se colocam aos homens e mulheres do século XXI é o de se reconciliarem com a sua interioridade. André Malraux alertava, precisamente, para a grave crise do século: «o drama da civilização do século das máquinas não está no facto de se ter perdido os deuses, pois parece que se perderam menos do que aquilo que se diz, mas está no facto de se ter perdido a noção profunda de Homem»<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> WIESEL, E., *Paroles d'étranger*, Seuil, Paris, 1982, 182.

<sup>55</sup> MALRAUX, A., *L'homme et le fantôme*, in: *L'Express*, 21 de Maio de 1955.

Um dos erros antropológicos com consequências mais nefastas para a vida no mundo e a prosperidade e bem-estar de todas as criaturas é ter pensado e continuar a pensar que a ideia *Deus* resulta de estratégias mesquinhas de controlo social e cultural, com base no medo, na coação, no culpabilismo e punição, ou então que não passa de mera ilusão, fruto de mentes desajustadas e delirantes. Erro antropológico pensar que a ideia *Deus* é nefasta para o Homem. Dizia Bernard: «Quero Deus, quero a poesia, quero autêntico perigo, quero a liberdade, quero a bondade, quero o pecado»...reclamo o direito de ser infeliz»<sup>56</sup>.

Estamos a braços com um terrível equívoco existencial: Deus não é necessário; Deus está morto; Deus é insignificante. A exortação apostólica de João Paulo II *Ecclesia in Europa* fala na «tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo» (§9), responsabilizando esta atitude de contribuir para a grave crise de esperança que varre a Europa e o mundo. O facto é que o humano sem Deus estranha-se. Estranha-se sem Deus, em virtude da energia vital que o habita e que teleologicamente o faz pulsar para uma condição de «santidade e de justiça» intuída e desejada como a condição que convém ao exercício da sua humanidade. Não repousaremos da angustiada azáfama existencial enquanto não percebermos claramente a que cumes somos chamados; enquanto não nos encontrarmos connosco, com a intenção profunda (vocação) do nosso ser e nos reconciliarmos com as misérias e as grandezas do nosso ser e com as misérias e as grandezas do nosso mundo; enquanto não encontrarmos Deus e lhe restituirmos o seu lugar deserto ou usurpado por deuses indignos.

Se é verdade que a questão de Deus se tornou uma «questão problemática» na Europa, a sede espiritual mantém toda a sua força. O futuro do cristianismo depende da forma como o crente conseguirá desenvolver uma espiritualidade e uma sabedoria em sintonia com o mundo moderno. Sem dúvida, a fé cristã é portadora de um capital de sabedoria de vida e é «fonte de inspiração para uma vida harmoniosa e humanamente realizada, que não é incompatível com aquilo que de melhor possui a cultura moderna».

Necessitamos de novas abordagens do fenómeno antropológico, ousadas, galvanizadoras e geradoras de sentido e de esperança. As Bem-Aventuranças apelam ao compromisso e à responsabilidade de cada um com o mundo, com a sociedade e com a singularidade de cada ser. Mas não num futuro mais ou menos longínquo, terreno ou escatológico. As Bem-Aventuranças são portadoras de uma mensagem eminentemente política e social: os pobres, os famintos, os que choram, os que são maltratados terão recompensa no céu, certo, mas têm direito fundamental a ter reparação na terra. Felizes os que choram, porque são, de facto, aqui e agora, por mim e por ti, consolados.

---

<sup>56</sup> HUXLEY, A., *Admirável Mundo Novo*, op. cit., 226.

